



**PRIMEIRO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(11/01/2004)**

1ª leitura (Antigo Testamento) – Isaías 42.1-9

O texto deste domingo faz parte da segunda parte do Livro do Profeta Isaías chamado "*Livro da Consolação de Israel*" que inicia no capítulo 40 com a expressão: "*Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus*" (Almeida). O povo que Deus pede para ser consolado encontrava-se cativo na Babilônia muito longe da sua terra (Judá). Era a antiga elite de Jerusalém acostumada a mandar fazer as coisas. Na Babilônia tinham que se virar sozinhos, trabalhar com as próprias mãos para o seu sustento, algo que para alguém do povo é absolutamente corriqueiro, mas que para esta gente representava uma grande humilhação.

As elites tinham colhido aquilo que antes semearam promovendo a injustiça contra os mais pobres e acordos interesseiros com potências estrangeiras, tudo o que foi denunciado por diversos profetas inclusive Isaías (1-39, especialmente em 5:8-13 e 30:1-5). Em Dêutero-Isaías (40-55) já estamos numa segunda geração de exilados que começam a ver, na ascensão do Império Persa sob o Rei Ciro, a possibilidade da volta para sua terra (Is 41:25 e 45:1). A Consolação promovida por Deus não é mera aceitação da situação em que se encontram os cativos, não é também a promessa de voltar atrás e restituir o poder as elites para voltar a "mandar" sobre o povo.

A consolação é preparação para uma nova relação entre Deus e seu povo ou, dito de outra forma, é uma "consolação ativa" (Is 40:3). O novo vem através do "servo", do "escolhido" apresentado no texto deste domingo (42:1). A generalidade com a que é tratada a pessoa do "servo" permite que seja uma esperança aberta que em parte já se cumprira (42:9) na ação de Ciro (que derrotará os babilônicos, permitirá o retorno dos exilados e a reconstrução do Templo de Jerusalém, cf. Esd 1:2-5) e que promoverá o retorno do povo para refazer sua aliança com Javé (42:6). No entanto o projeto exposto no texto deste domingo (42:1b-7); não se esgotou no retorno do exílio:

- a) Promulgar o direito (isto é, cumprir plenamente a vontade de Deus)
- b) Não impor sua vontade com gritos de intimidação, mas cuidar das pessoas fracas ("cana quebrada" e "chama que fumega") até que elas sejam atendidas por Deus e sua dignidade reconhecida por todas as nações;
- c) Criar uma nova consciência para os que permanecem nas trevas ("vista aos cegos") e libertar todas as pessoas cativas e oprimidas.



Quando a encarnação e o ministério de Jesus Cristo foram sistematizados teologicamente, a esperança destes exilados voltou a tona. Já se haviam passado mais de 500 anos e ainda o projeto de Deus estava longe de se realizar. Seria Jesus este "servo"? Ele era o "servo" (Mc 10:45), mas era ainda mais, era o próprio Deus que partilharia seu Espírito (Lc 3:16). Portanto ser "batizados no Espírito" é sermos, como Cristo, servos e servas do seu projeto libertador (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura – Atos 10.34-38

O início do século XXI, infelizmente, foi marcado pelo signo da guerra e da morte. Desde aquele 11 de setembro que o mundo vem assistindo uma novela diária envolvendo mais morte e mais dor, seja no Iraque seja nos territórios ocupados da Palestina. Durante estes últimos dias, contudo, todos ouvimos falar muito sobre paz e solidariedade. O perigo é que, à medida que nos afastamos do Natal, também nos esqueçamos de sua mensagem de reconciliação. Afinal a mensagem dos anjos continua presente ainda hoje: Paz na terra...

No texto de hoje lemos uma das mais extraordinárias e marcantes histórias da Bíblia. Este texto fala do encontro entre Pedro, um Apóstolo judeu, e Cornélio, um Centurião romano. Neste texto vemos como Deus preparou o coração de ambos para que o Evangelho fosse aberto até as pessoas não judaicas. Há uma forte lição aqui: O Deus do Evangelho não é um Deus de lutas e de guerra, não é um Deus de separação, mas de amor e de paz. Pensando nisso, propomos para o dia de hoje, uma reflexão com este tema: *A pregação do Evangelho da paz.*

Falar sobre a pregação de Evangelho da paz implica em compreender, pelo menos, três aspectos importantes deste Evangelho: seu significado, seu instrumento e suas conseqüência.

Em primeiro lugar vejamos seu *significado*. O que significa pregar um "Evangelho da paz"? Pregar um Evangelho da paz significa, por este texto, afirmar que "Deus não faz acepção de pessoas" (v.34). E, não fazer acepção de pessoas, significa que ele "Aceita" a todos aquele que o "teme" e "faz" o que é justo (v.35). Não importa mais a nacionalidade ou a procedência. Não interessa se somos gregos ou judeus, não importa se somos romanos ou galileus, Deus está aberto a receber a qualquer um independente de sua raça ou nacionalidade.

Depois de ter recebido uma revelação divina, Pedro compreendeu a vontade de Deus e, quando entrou na casa de Cornélio disse muito claramente: "Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum, ou imundo" (v. 28)



Em segundo lugar, quando falamos em pregação do Evangelho da paz, imediatamente perguntamos sobre o seu *instrumento*. Quem foi aquele que anunciou o Evangelho da paz? O texto responde: "por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos" (v. 36). Este texto apresenta o título completo de Jesus chamando-o de Cristo e Senhor de todos. Jesus é o "Cristo" porque é o "ungido", o "esperado". E o esperado, não seria Senhor apenas de Israel. Não seria o salvador apenas dos judeus. Ele é o Senhor de "todos". E assim o é, porque ele foi ungido "com o Espírito Santo e com poder" (v.38).

Em seus livros, Jean-Yves Leloup costuma chamar Jesus de "o arquétipo da síntese". E com isso ele quer dizer que Cristo não é, simplesmente um personagem do passado, da história, ele é sobretudo um "arquétipo" porque é uma imagem estruturante do ser humano. Ele é uma imagem que nos estrutura, que nos reconstrói, nos fortalece de dentro, formando uma síntese, uma união de opostos, homem/Deus, humanidade/divindade, fragilidade/fortaleza, morte/ressurreição, judeus/gentios. Ele é aquele em quem os opostos podem se unir. Ele é a própria vontade de Deus encarnada. E nós temos o dever de vivenciar esta síntese que constrói a paz.

Finalmente, quando falamos em pregação do Evangelho da paz, temos que nos lembrar também de sua *conseqüências*. Quais as conseqüências de se pregar o Evangelho da Paz? Quando pregamos este Evangelho, os gestos e os atos de Jesus se repetem também em nossas vidas. Isto significa que também estaremos dispostos a andar "por toda a parte", não apenas pelos lugares limpos e agradáveis; significa fazer o "bem", não apenas o nosso dever; e significa "curando os oprimidos do diabo". A palavra diabo vem de *dia-bolos* que significa o "princípio da separação", da "cisão", da "esquizofrenia". O contrário do dia-bólico é o sim-bólico, ou seja, o "princípio da reunião", do conagraçamento, da religação.

Nosso ministério, se realmente pretendemos pregar o Evangelho da paz, deve produzir frutos de cura, de sanidade, de saúde, de salvação, de reunião, de religação, de encontro, de reconciliação (Jorge Aquino)

Santo Evangelho – Lucas 3.15-16, 21-22

No Calendário litúrgico atual, os dois primeiros domingos depois da Epifania dão continuidade à festa comemorada em 06 de janeiro. No 1º domingo depois da Epifania comemora-se o batismo de Jesus e o no 2º, o milagre da transformação da água em vinho no casamento em Caná.

O batismo recebido por Jesus no Jordão impressionou os evangelistas, a ponto de todos se referirem a esse episódio. Os teólogos patrísticos insistiam no fato de que Jesus não tinha necessidade nem de conversão nem de



remissão de pecados e interpretaram esse episódio como a primeira revelação pública da filiação divina de Jesus e de seu messianismo, através da descida do Espírito e da voz divina que do céu declarava: "este é meu filho amado". Ali ele é revelado como profeta, sacerdote e rei e recebe, como ser humano, a plenitude do Espírito para o desempenho de sua missão. Trata-se então da unção e declaração pública de Jesus como Messias. Essa idéia é reforçada em Atos 10.34-38 (pelos mesmos autores do evangelho de Lucas): "Sabeis o que se passou em toda a Judéia a começar pela Galiléia depois do batismo pregado por João: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com poder a Jesus de Nazaré..."

O batismo administrado por João não era, naturalmente, o batismo cristão. Aliás, tecnicamente, tratava-se com muita probabilidade da adaptação de um ritual já praticado diariamente pelos essênios. Atualmente, nas pesquisas bíblicas, admite-se que João esteve ligado à comunidade dos essênios, com a qual rompeu posteriormente. Enquanto os essênios se refugiavam no deserto à espera da irrupção escatológica do Reino e formavam uma comunidade fixa e isolada, João se distinguia por peregrinar no deserto. O batismo de João não era um rito de iniciação para uma seita própria, mas um sinal escatológico da disposição dos que se dirigiam ao batismo, de acolher a vinda do Reino. Jesus, enquanto ser humano, reconheceu a missão divina de João e se apresentou ao batismo em solidariedade ao povo que esperava a vinda do Reino. Lucas é o único evangelista a descrever o batismo de Jesus como sendo uma participação num batismo coletivo, realizado em conjunto com o de "todo o povo" (Lc 3.21). Porém, diferente das demais pessoas, a experiência de Jesus foi singular devido à descida do Espírito e à voz do céu. Ali ele começava a se distinguir da multidão e a ser revelado (epifania) como o Messias.

3.15 - "Estando o povo na expectativa" (□□□□□□□□□□□□s□ - Lucas se volta ao porvir, não da ira de Deus, mas da expectativa messiânica; "O Cristo" (tradução grega para Messias) é aquele que recebeu a unção de Deus.

3.16 - "o que é mais poderoso que eu" - O AT nos ajuda a compreender essa expressão. Em Jeremias 50.34, o "mais poderoso", ou "o Forte" é o Deus que resgata seu povo (ver tb Is 1.24, "o Poderoso de Israel"). João anuncia a vinda de alguém "mais poderoso" que ele e que irá purificar ou lavar o povo com o seu Espírito. "desatar as correias das sandálias" era uma atividade própria dos escravos pagãos. Nem mesmo um escravo judeu fazia isso.

3.21 - "ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus" - O mais poderoso estava escondido na multidão; era um entre o povo. Recebendo o batismo de João, Jesus mostra sua adesão aos movimentos libertadores da época, incorporando-se a eles;



“estando ele a orar” – Lucas é o evangelista que mais insiste em mencionar as orações de Jesus. O céu se abre exatamente enquanto Jesus orava (“estando ele a orar, o céu se abriu”).

3.22 – Todas as narrativas estão concorda que, ao batismo seguiu-se a descida do Espírito e uma proclamação a respeito de Jesus, embora divirjam em alguns detalhes. Segundo Marcos e Lucas, a proclamação é dirigida a Jesus (“Tu és o meu Filho amado”); Mateus faz supor que a proclamação se endereça ao Batista (“Este [Jesus] é o meu Filho amado”); segundo o quarto evangelho, é o Batista quem se dirige ao público dizendo ter visto o Espírito descer sobre Jesus e ter recebido a revelação de Deus, de que Jesus é o Filho de Deus (“João testemunhou dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba...” – Jo 1.32-34).

A narrativa de Marcos dá a impressão de que somente Jesus teria visto os céus rasgarem-se e o espírito descer como pomba, só ele ouvindo a voz (“ao sair da água, viu os céus rasgarem-se” – Mc 1.10); mas Lucas sugere que todos teriam visto esses eventos (“ouveu-se uma voz do céu”)

“Tu és o meu filho amado” – Expressão que une o Salmo 2.7 (entronização messiânica) a Isaías 42.1 (o servo escolhido, em quem Deus se compraz). Lucas, ao mesmo tempo que reconhece Jesus como servo, apresenta-o também como o Rei-Messias do Salmo, que estabelecerá o Reino de Deus no mundo. Realeza e serviço estão unidos em Jesus. Ele é um servo que é Rei e um Rei que é Servo. Jesus aceita e incorpora o papel de servo sofredor. Conforme, Richardson: “Na qualidade de homem representativo, leva ao batismo de arrependimento os pecados do mundo, como os carregaria mais tarde no batismo da cruz. Há profundo significado em Jesus ter concebido sua morte como um batismo, a ser participado pelos discípulos (Mc 10.38s; Lc 12.50)... o batismo de Jesus é, então, prenúncio de sua morte” (Alan RICHARDSON, Introdução à Teologia do Novo Testamento, ASTE, 1966, p. 180).

No conjunto da obra lucana, este episódio é considerado como o verdadeiro início do ministério de Jesus. Por isso, diferentemente de Mateus, a genealogia de Jesus em Lucas vem logo após o relato do batismo. Joachim Jeremias afirma: “Jesus se sabe apossado pelo Espírito por ocasião do seu batismo. Deus o toma para o seu serviço, o equipa e o plenipotencia para ser seu mensageiro e o portador do tempo salvífico. Foi por ocasião de seu batismo que Jesus fez a experiência de sua vocação” (J. JEREMIAS, Teologia do Novo Testamento, Paulinas, p. 91).

Em síntese, o batismo de Jesus marca o início de seu ministério público. Esse ministério é reconhecido e abençoado por Deus a partir do momento em que Jesus se solidariza com as expectativas messiânicas de seu tempo e se insere no movimento libertador anunciado por João. Jesus não se batiza para



ser perdoado, e sim para se solidarizar com as lutas e esperanças dos pobres. Em meio a esses movimentos, Jesus mostra que não está separado do povo, nem de Deus, pois orava continuamente. Assim também deve ser a vida cristã – participação na comunidade batismal com aqueles que esperam o Reino, manter a intimidade com Deus pela oração e assumir a vocação libertadora. No domingo de hoje, seria bom refletirmos também em nosso próprio batismo como o momento em que Deus nos acolhe e nos capacita com o Espírito para nos inserirmos nos movimentos libertadores. (Carlos Eduardo Calvani)